

EXERCÍCIO DE INTIMIDADE: UMA APROXIMAÇÃO COM A APRENDIZAGEM DA ESCRITA DE SI

Ana Chrystina Venancio Mignot *

RESUMO

Diferentemente do que se imagina, as crianças escreveram sobre si mesmas em agendas, diários e cartas que, ainda, não mereceram suficiente atenção para a guarda e investigação, uma vez que não se valorizava o universo não adulto. Publicações, eventos acadêmicos e exposições sobre a escrita infantil expressam uma inflexão na historiografia e historiografia da educação. Entendendo que uma primeira aproximação com o universo infantil, a partir da escrita, remete de imediato à compreensão de que há uma diferença entre escrever sobre a infância e escrever na infância, este artigo volta-se para as cartas escritas por crianças. Para tanto, elege três estudos, no âmbito da historiografia da educação, sobre a aprendizagem e exercício dessa escrita autobiográfica no espaço doméstico, no exílio e no espaço escolar, o que permite interrogar sobre a centralidade que a escrita de cartas teve na aprendizagem dos códigos de civilidade, no autoconhecimento, na formação moral e na internalização de normas gramaticais. Em diálogo com historiadores da educação que têm produzido uma reflexão sobre a escrita infantil, a interpretação aqui tecida indica que, longe de serem escritas livres, as cartas analisadas não estão imunes ao controle dos adultos e trazem, ainda que invisíveis, as marcas dos pais, preceptores e professores que incentivam, aplaudem, corrigem. Defende-se, por fim, ser preciso sensibilizar o poder público sobre a imperiosa necessidade de estabelecer uma política de preservação das escritas infantis, em especial as das escolas.

Palavras-chave: Escrita infantil. Cartas. Escrita autobiográfica.

ABSTRACT

INTIMACY EXERCISE: AN APPROACH TO LEARNING SELF-WRITING

Contrary to what one might think, children have practiced self-writing on their agendas, diaries and letters, although they have not yet adequately deserved enough attention for safekeeping and research, since they have not been valued for the adults' universe. Publications, academic events and exhibitions of children's writing express an inflexion point in historiography and historiography of education. Understanding that a first approach to the child's universe, from the writing, immediately points to the realization that there is a difference between writing about childhood and writing during childhood, this article focuses on letters written by children. Therefore, we elect three studies according to the historiography of education on learning and exercise of

* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora do CNPq. Cientista do Nosso Estado da FAPERJ, Procientista (FAPERJ/UERJ).

autobiographical writing at home, in exile and at school, which allows us to question about the centrality that writing letters had in learning codes of civility, self-knowledge, moral formation and internalization of grammatical rules. In dialogue with historians of education who have produced a reflection on children's writing, our interpretation is that, far from being a free writing, the analyzed letters are not immune to the adults' control and, although invisible, they present the influence of their parents, tutors and teachers who encourage, applaud and correct them. We defend that it's necessary to sensitize the public power about the urgent need to establish a policy for preserving children's writing, particularly those in schools.

Keywords: Children's writing. Letters. Autobiographical writing.

Minha cara Mãe

Desejo que esteja boa. Eu estou boa. Hontem a Condessa arranhou uma árvore muito bonita [...] Eu já estava hontem quase pegando no sonno quando eu ouvi m^a Roza fallar e dizer que tinham cartas eu logo me levantei. Também tinha na árvore 4 palmatórias em que estão escritos para a mais preguiçosa (eu), para a mais teimosa (mana) para quem não sabe taboada (Dominique) e para quem troca letras (Francisca). (PRINCESA LEOPOLDINA, 1859 apud AGUIAR, 2012, p. 214).¹

Querida mãe: me alegre que estejas melhor. Te escrevo estas letras para dizer-te que estou bem pois já chegamos à Rússia, pois nos tratam bem. Ao chegar às 11 da noite uma grande manifestação nos esperava no porto, também digo que nos esperavam os pioneiros russos com a banda de música. (CORTAZAR, 1938 apud SIERRA BLAS, 2009, p. 284).²

Caro colega eu tinha imenso prazer que visitasses a minha terra [...] Se tu quiseres vir ao meu casal dar um passeio terei imenso prazer em receber-te. Gosto até de te conhecer. Que alegria será para nós, se nos encontrarmos na mesma escola para fazer o exame. Teremos então ocasião de nos conhecermos. Por hoje, despeço-me, desejando-te as maiores felicidades. Do teu amigo X. (ALUNO X, [entre 1955 e 1958] apud ALEIXO; ALVES 2008, p. 465).³

Esses são fragmentos de um dos tipos de escritas produzidos por crianças que, juntamente com cadernos, diários, agendas e provas, têm despertado o recente interesse dos historiadores da educação, que esbarram, invariavelmente, na perda de

grande parte destes registros, situação resultante de certo desprezo das instituições encarregadas de sua preservação e guarda.⁴ Permanecem, em sua maioria, escondidos em arquivos familiares e pessoais, graças à dimensão afetiva que carregam. Tal interesse, evidenciado por meio de pesquisas e iniciativas acadêmicas, como eventos⁵, publi-

4 Tratando da perda desses documentos produzidos por crianças, Miguel Angel Arias Carrascosa e Ignacio Garnacho Gómez, no livro espanhol *Esos papeles tan llenos de vida... Materiales para el estudio y edición de documentos personales* (SIERRA BLAS; MARTÍNEZ MARTÍN; MONTEAGUDO, 2009), organizado por Verónica Sierra Blas, Laura Martínez e José Ignacio Monteagudo, afirmam que os cadernos escolares estão entre os “documentos efêmeros”, isto é, entre aqueles objetos criados para não serem conservados, o que explica que a grande maioria se tenha perdido, e suas possibilidades de estudo minimizadas, na medida em que poucos são guardados, em razão do desconhecimento dos autores, que ignoravam a importância histórica que estes objetos teriam, como também pelo desprezo dos próprios pesquisadores e das instituições encarregadas de conservar a memória das pessoas comuns (ARIAS CARRASCOSA; GARNACHO GÓMEZ, 2009).

5 Dentre eventos e publicações recentes sobre a escrita infantil, destacam-se o VIII Congresso Internacional de Historia de la Cultura Escrita, promovido, em 2005, na Universidad de Alcalá, que elegeu “Escrituras cotidianas en contextos educativos” como tema central, e que resultou na publicação de *Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura*, organizado por Antonio Castillo e Verónica Sierra Blas, com textos agrupados em torno dos seguintes eixos: Iniciação à cultura escrita; Provas, cadernos escolares e grafites; e Diários, agendas e cartas. Há também o Colóquio Internacional sobre Escrituras Infantiles, celebrado em setembro de 2011 no Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE), em homenagem ao Professor Davide Montino, cujos textos integram o dossiê temático da revista *History of Education and Children's Literature* (HECL), de julho de 2012, da Universidad de Macerata, na Itália, organizado por Antonio Castillo, Juri Meda e Verónica Sierra Blás, que reúne estudos de Antonio Viñao, Maria del Mar del Pozo Andrés, Juri Meda, Anton Costa Rico, Sjaak Braster, Dorena Caroli, Anne Wingenter, Rudolf Dekker, Arianne Baggerman, Monica Ferrari, Pamela Giorgi, Francesca Borruso, Ana Badanelli e Antonio Gibelli. Especificamente sobre cadernos escolares destacam-se: “**Convegno Internazionale di Studi Quaderni di Scuola: una fonte complessa per la storia delle culture scolastiche e dei costumi educativi tra Ottocento e Novecento**”, na Universidade de Macerata, Itália. Do evento resultou uma publicação em dois volumes: *School Exercise*

1 Carta da Princesa Leopoldina para a Imperatriz D. Teresa Cristina, enviada de Petrópolis, em 25 de dezembro de 1859.

2 Carta de Luis Dies Cortazar escrita em 1938.

3 Carta de um aluno não identificado, escrita entre 1955-1958.

cações, exposições⁶ e museus escolares⁷ que, de certo modo, se contrapõem a uma constatação feita por Antonelli e Becchi (1993) no início da última década do século passado: documentos produzidos pela pena infantil eram material pouco digno de estudo, revelando, assim, o pouco interesse pela cultura não adulta, constatação esta que caminha na mesma clave de Julia (1993), ao observar que trabalhar com a escrita infantil e juvenil numa perspectiva histórica é extremamente difícil, pois a documentação é rara e, talvez, não haja outro campo da história com uma taxa de conservação de documentos tão baixa quanto esta.

Uma brevíssima incursão na historiografia da educação traz alguns exemplos dessa valorização da escrita infantil, particularmente, no campo do autobiográfico. Debruço-me sobre cartas – uma modalidade dessas escritas aparentemente banais e sem importância – tendo em mente que as escritas infantis não se restringem às escritas escolares e se constituem em importantes chaves de compreensão do mundo não adulto, na medida em que guardam

Books: A Complex Source for a History of the Approach to Schooling and Education in the 19th and 20th Centuries (MEDA; MONTINO; SANI, 2010). Na esteira destes estudos cabe destacar ainda a publicação de *Cadernos à vista: escola, memória, cultura escrita* (MIGNOT, 2008).

6 Dentre as exposições sobre cadernos escolares destacam-se: em Macerata foram montadas três importantes exposições sobre este objeto da cultura escrita e da cultura material da escola: “*I quaderni di scuola nel Novecento: la produzione industriale di Cartiere Paolo Pigna* (Cartiere Paolo Pigna S.p.A., Itália)”; “*Tra banchi e quaderni*”, com a curadoria de Paolo Ricca (da Associazione ‘Il salotto verde’, Itália) e “*Les cahiers des écoliers du monde. Un cahier d’écolier qui apprend à écrire de chaque pays du monde*”, com a curadoria de Henry Merou (Association *En marge des cahiers*, França); e a exposição da qual fui curadora, em Natal, durante o III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica, em 2008: *Não me esqueça num canto qualquer, que contou com a participação de pesquisadores* de diversas Universidades e Programas de Pós-Graduação em Educação do país: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), instituição da curadora; Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Universidade Tiradentes; Universidade do Estado da Bahia; Universidade do Estado de Minas Gerais; Universidade de São Paulo; Universidade da Cidade de São Paulo; Universidade Metodista de São Paulo; Universidade do Estado de Santa Catarina; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Universidade Federal de Pelotas.

7 O interesse pela escrita infantil tem gerado a criação de um número expressivo de museus escolares. Comentando isto, Viñao (2005) observa ainda que estudo do Museu Pedagógico da Galícia identificou a existência de 683 museus escolares em todo o mundo com páginas na internet, criados nos últimos trinta anos, sendo que 492 estão localizados na Europa, 192 na América, 40 na Oceania, 8 na Ásia e 1 na África.

modos particulares de ver o mundo, a sociedade, a família, a escola.

Escrever sobre a infância e escrever na infância

Uma primeira aproximação com o universo infantil, a partir da escrita, remete de imediato à compreensão de que há uma diferença entre escrever sobre a infância e escrever na infância.⁸

Decerto, a infância tem um peso na literatura autobiográfica. Em importante texto, Viñao (2000) faz um balanço das autobiografias, memórias e diários de infância, adolescência e juventude publicados na Espanha, chamando a atenção para o fato de que as temáticas da família e da escola predominam em boa parte das mesmas e que, via de regra, abordam o nascimento, os pais, a casa, as primeiras recordações, a linguagem, o mundo exterior, os animais, os livros, a vocação, a escola, o despertar sexual e o fim da infância. No Brasil, estudo de Lacerda (2003), partindo de um inventário da literatura memorialística feminina publicada, efetuado por Viana (1995), que identificara mais de 90 obras, elegeu 12 delas que, no seu entendimento, permitem a reconstrução dos processos de formação de leitoras, na medida em que trazem à tona as “práticas de leitura e elucidam os aspectos constitutivos à sua formação como leitoras-escritoras” (LACERDA, 2003, p. 84). O seu mergulho nestas narrativas permitiu adentrar pela infância e, em especial, encontrar mães e filhas leitoras, serões domésticos, leituras lidas e ouvidas, obras de destinação escolar e algumas práticas de leitura.

Apesar das escritas autobiográficas, como diários e cartas, produzidas na infância, serem raras e mais difíceis de serem encontradas, o pesquisador italiano Montino (2008) observou que, historicamente, os motivos que determinam a própria pos-

8 Para entender tal distinção, faço uma referência inicial ao texto de Margarida de Souza Neves que lembra outra diferença entre escrever sobre a infância e escrever para a infância. Ao examinar *Olhinhos de Gato* de Cecília Meireles – uma obra na qual a poeta faz um balanço de seus primeiros anos, mas que foi publicada inicialmente como um livro infantil –, a autora observa que, diferentemente do que pensavam os editores, que elaboraram capas e o destinaram ao pequenino leitor, este é um texto memorialístico, dolorosamente adulto, no qual Cecília Meireles faz uma leitura de sua própria infância, com revelações que “certamente marcarão sua poesia e suas preocupações com a criança e a educação” (2001, p. 29).

sibilidade de escrever sobre si são análogos para as crianças e adultos, mas ressalta que, embora as crianças tenham capacidade de reelaborar as vivências e escrever a respeito das mesmas, elas têm um menor grau de subjetividade, na medida em que, via de regra, suas escritas são disciplinadas e controladas pelo adulto e fruto de uma aprendizagem escolar. No entanto, indica a existência de um número significativo de exemplos de escritas autobiográficas mais livres que derivam de ocasiões especiais: a viagem, a guerra e a escola.

Por mais que a escrita autobiográfica sobre a infância traga elementos para pensar contextos vividos, ela difere da escrita autobiográfica na infância, que vem sendo valorizada na medida em que passa a ser vista como importante chave de compreensão para a história da infância, a história da cultura escrita ou a história da educação, perspectiva assinalada por Viñao (2008) ao se referir a cadernos escolares. Se esta é produzida ao sabor dos acontecimentos, sem o peso da experiência que matiza, amplia, apaga, certamente, o olhar adulto e o correr dos anos orientam o esforço retrospectivo que vagueia pelo passado, com as questões do presente, se detendo em pormenores de um tempo fugidio e distante, conferindo sentido ao que ficou para trás e, por isto mesmo, elegendo, enfeitando, retocando e deformando a própria vida.

Valho-me de palavras de Francisca Isabel Maciel como justificativa para meu recorte no universo escritural autobiográfico quando afirma:

[...] no campo educativo estamos apenas iniciando estudos desta natureza e ainda há muito o que pensar e fazer sobre as possibilidades da pesquisa tomando como fonte o gênero epistolar, embora a correspondência sempre tenha estado muito presente na prática pedagógica das instituições escolares, quer como conteúdo didático a ser trabalhado com os alunos, quer como interação entre alunos, ou entre alunos autores de livros didáticos e/ou paradidáticos, quer, ainda como comunicação entre professores e entre escolas e famílias. (MACIEL, 2002, p. 206).

Cartas das princesas: escritas para reduzir distâncias

Uma pesquisa sobre cartas escritas por crianças, a dissertação de mestrado defendida, em 2012, na

Universidade Católica de Petrópolis, por Jaqueline Vieira de Aguiar – *Mulheres educadas para governar: o cotidiano das lições nas cartas das princesas Isabel e Leopoldina* – discute com rigor e delicadeza o projeto educacional ao qual estavam submetidas as herdeiras do trono, enfocando as preocupações do Imperador com a educação das filhas, os mestres escolhidos e as disciplinas ensinadas, a visão das meninas sobre o processo educativo ao qual estavam submetidas e a própria escrita de cartas como parte do processo educativo, o que se evidencia na obediência aos rituais epistolares, na caprichosa caligrafia e no cuidado com a escolha dos papéis que traziam monogramas e ilustrações.⁹ Aliás, a autora lembra que as cartas escritas pelas princesas, em português, francês e italiano,

[...] eram rascunhadas, corrigidas pelos mestres e depois copiadas em papeis geralmente ornamentados. Este procedimento era adotado porque as cartas não só informavam ao pai o andamento do aprendizado das meninas, mas também o expressavam concretamente. Quando o Imperador recebia as cartas, analisava desde a caligrafia até o seu estilo e teor. Para passar por este escrutínio, elas precisavam estar perfeitas. (AGUIAR, 2012, p. 55).

Nesse movimento foi possível observar a correspondência do Imperador com a irmã Francisca e com a Condessa de Barral, trazendo dados sobre a biografia de ambas e destacando o interesse dele pela escolha de uma preceptora capaz de se responsabilizar pela educação das meninas, o que se expressa, inclusive, na correspondência que a Condessa trocou com Paulo Barbosa, mordomo da Corte.

Olhando os papéis de cartas e atenta aos rituais epistolares, num incessante cruzamento com outras fontes, a autora recolheu fortes indícios da preocupação do Imperador e da Imperatriz com as leituras, a caligrafia, a aprendizagem de línguas estrangeiras, as amizades e as brincadeiras, que faziam parte do processo educativo. Nas cartas que elas escreviam aos pais, mesmo quando não estavam viajando, foi possível identificar os mestres

⁹ Há referência, inclusive, a estes papéis nas missivas das Princesas, como, por exemplo, na escrita por Isabel à sua mãe, em 16 de março de 1858, quando lhe pede para fazer o favor “de ver na cidade para mim e para a mana papéis da espécie d’estes em que lhe escrevi hontem e lhe escrevo hoje” (PRINCESA ISABEL, 1858 apud AGUIAR, 2012, p. 52).

das princesas e mapear e interpretar o currículo que lhes fora destinado. Dentre os conteúdos ensinados, destacavam-se aqueles típicos da educação feminina das elites, mas com um número de horas de estudos que chegavam a 11 horas diárias, e um grande número de professores. Nas cartas das princesas foi possível observar que escreviam para informar, reclamar, receber elogios, reivindicar.

Pelas cartas foi possível, também, perscrutar o cotidiano educativo no Palácio Imperial de Petrópolis e no Paço de São Cristóvão. Mergulhada em várias outras fontes manuscritas e impressas que estavam em arquivos pessoais como diários, cadernos, boletins de notas, e em documentação oficial muito rica e dispersa em diferentes instituições de guarda¹⁰, como a Constituição Imperial, a legislação sobre a instrução primária no Império, os livros de pagamento dos servidores da Casa Imperial do Brasil, as folhas de vencimentos dos mestres da família Imperial, as fotografias, quadros e ofícios, a autora interpretou a arquitetura destes espaços palacianos para afirmar, sugerir, supor que ali as princesas tinham aulas, aprendiam, se socializavam.

Na prestação de contas que faziam aos pais, por meio das cartas, as herdeiras do trono deixam as marcas de gênero: enquanto ao Imperador reservavam as notícias cotidianas sobre as lições de matemática, de botânica, de química, temas do universo masculino e que a ele interessavam, para a Imperatriz narravam as aprendizagens manuais, como as aulas de bordado, as atividades religiosas e as horas destinadas à música:

Minha querida Mamãe, [...] Hontem eu comecei o trabalho para o Monsenhor Narciso. E' um veio para o calyse. [...] Hoje a noite alinhavei uã touca, cortei um roupão, alinhaveil-o um pouco, como não estava bem cortado, Cortei um outro, mas não tive tempo de alinhaval-o. Tenho medo de que mamãe se zangue d'isto porque eu lhe prometti que não cozia de noite. Mas hontem foi com pontos não pequenos e hoje alinhavei. Perdoe-me a letra e a orthographia. (PRINCESA ISABEL, 1859 apud AGUIAR, 2012, p. 123).¹¹

¹⁰ Arquivo Grão Pará, Arquivo Nacional, Arquivo Paulo Barbosa, Biblioteca Nacional, Biblioteca do Museu Imperial, Instituto Histórico de Petrópolis, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Museu Imperial.

¹¹ Carta da Princesa Isabel a D. Teresa Cristina, enviada de São Cristóvão, em 4 de outubro de 1859.

Em meio às inúmeras missivas, a autora encontra pistas de que estas escritas eram estimuladas pelos professores que deixaram seus rastros em recados escritos ao final, e até mesmo em pedidos por intermédio das meninas,¹² bem como pelos pais que, em suas respostas, incentivavam os estudos, comentavam a caligrafia e sugeriam leituras, como se pode ver numa carta do Imperador à filha mais velha, na qual demonstra preocupação com a educação da caçula, que poderia vir a assumir o trono, em uma eventualidade:

Isabel,

As suas notas não forão como desejo que ellas sejam sempre. Já encomendei o livro botânico que talvez possa ir amanhã. Mando-lhe os jornais francezes para lerem as notícias scientificas. Vejão d que utilidade não são a chimica e a phisica! Quem diria qto electro-magnetismo reunirá já o Atlântico e o Pacífico, e talvez dentro em poucos annos giramndo em torno do globo, em poucas horas! A Astronomia ainda mais engrandece o espírito que pode por meio das mathemáthicas advinhar a existencia de planetas e pezal-os. Em fim, as ciências naturaes são o alimento mais delicado da intelligência, e os príncipes devem pelo menos saber honrar os que se avantajão ao estudo d'ellas. Ainda não tive tempo opportuno para ver a resolução do problema algébrico, mas hei de talvez mandar-lhe até sábado as minhas observações esperando que não se descuide dos problemas que lá deixei. Attente sua Mana para também procurar resolvel-os, e quando ella o peça não lhe negue as explicações que julgue poder dar. Adeus! Mando-te a benção de seu Pae extremoso. Lembranças a seus creados.

Pedro. (D. PEDRO II, 1862 apud AGUIAR, 2012, p. 173).

O estudo das cartas das Princesas no âmbito das investigações sobre a educação das elites permite compreender que escrever sobre si mesmas, quase diariamente, fazia parte de um projeto maior de educação que visava à formação sólida de mulheres destinadas a governar e que, por isso mesmo, precisavam expressar bem seus pensamentos e defender suas ideias.

¹² Ver carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. AGP. XLI-3. P AG. Petrópolis, 17 de março de 1858 (PRINCESA ISABEL, 1858 apud. AGUIAR, 2012, p. 205), na qual ela intercede pelo Professor Valderato, que dirigira os estudos das Princesas entre 1854-1856, transmitindo o pedido de que alugasse uma casinha para ele em Petrópolis com a mesma quantia que pagava a condução, pois tinha filho doente e que precisava mudar de ares.

Cartas do exílio para combater a saudade e a solidão

Inserida num movimento mais amplo da escrita da história que não se contenta em resgatar do passado a versão das figuras ilustres que povoam os livros didáticos, e rebelando-se com uma lógica que predomina entre os “gestores da memória” que decidem o que deve ou não ser preservado, em *Palabras huérfanas: los niños y la Guerra Civil*, Sierra Blas (2009) explora as cartas escritas por crianças espanholas durante o período de exílio na União Soviética, quando desembarcaram nos portos de Yalta e Leningrado. Do país que as acolhera escreveram para seus pais, familiares, amigos e órgãos de assistência.¹³ Ao privilegiar a escrita infantil, a autora acredita que estaria dando a conhecer uma versão desta história, diferente daquela que privilegia crônicas jornalísticas e documentos oficiais da época, deixando de lado preciosos testemunhos daqueles que viveram esta experiência que modificou seus destinos, deixando-os órfãos “ainda que muitos não o fossem de verdade” (SIERRA BLAS, 2009, p. 21).

As cartas representaram para os “pequenos exi-

¹³ A autora realizou também uma exposição, em outubro de 2012, em Salamanca, e com recursos do Ministério da Presidência da Espanha, dentro das subvenções destinadas às vítimas do franquismo, no bojo do projeto de pesquisa “Entre España y Rusia. Recuperando la historia de los niños de la Guerra”, como homenagem às crianças espanholas que saíram da Espanha em 1937 e 1938 por causa da Guerra Civil. Nela foram enfocados: *Guerra e infância*, *De la evacuación al exilio*, *Una patria, tres mil destinos*, *De españoles a rusos: vida cotidiana, educación y política*, *Entre dos guerras e Retornos y memorias*. A exposição reuniu documentos escritos e iconográficos dispersos em diferentes instituições de guarda: Archivo del AMSAB-Instituut voor Sociale Geschiedenis (Gante), Archivo Fotográfico de la Agencia Rusa de Información Novosti (RIA Novosti) (Moscó), Archivo Fotográfico Histórico de la Agencia EFE (Madrid), Archivo de la Fundación Francisco Largo Caballero (Madrid), Archivo General de la Administración (Alcalá de Henares, Madrid), Archivo General de la Nación de México (Ciudad de México), Archivo Histórico del Partido Comunista de España (Madrid), Arxiu Nacional de Catalunya (Sant Cugat del Vallès, Barcelona), Asociación de Niños de la Guerra de Lieja y alrededores (Micheroux, Soumagne, Bélgica), Asociación de Niños de la Guerra de Namur (Namur-Erpernt, Bélgica), Biblioteca Nacional de España (Madrid), Centre d’Études et de Documentation Guerre et Sociétés Contemporaines (Bruselas), Centro Documental de la Memoria Histórica (Salamanca), Colección particular de Isabel Argentina Álvarez Morán, Colección particular de Elisabeth Eidenbenz, Colección particular de Gregorio Nicolás Rodríguez, Eibarko Udala-Ayuntamiento de Eibar (Guipúzcoa), Fundación Pablo Iglesias (Alcalá de Henares, Madrid), Fundación Sabino Arana, Museo del Nacionalismo Vasco (Artea-Arratia, Bilbao), Fundación Universitaria Española (Madrid), Kutxateka (San Sebastián) e Museo del Pueblo de Asturias (Gijón).

lados o elo de união com tudo aquilo que haviam deixado para trás” (SIERRA BLAS, 2009, p. 21). Escrever nestas circunstâncias, no seu entendimento, os ajudou a povoar a solidão, a manter contato com familiares distantes, a nutrir esperança de reencontro, a superar traumas e saudades, mesmo que a maior parte não tenha chegado ao seu destino, pois, como tantos outros documentos pessoais, foram convertidos em provas para culpabilizar seus proprietários.

Sem imaginar que as folhas de papel, com seus desenhos, riscos e rabiscos, não chegariam aos destinatários, os pequenos remetentes lançaram mão da escrita como exercício terapêutico que permitia aliviar tensões, liberar sentimentos íntimos, resistir à humilhação e opressão, aliviar as dores, combater os medos, enquanto desfiavam questões que os afligiam. Alguns deles suplicavam por notícias, com medo de que os familiares tivessem morrido:

Odessa, 22 de fevereiro de 1938

Querido irmão,

Vou te dizer que desde que recebi tuas cartas já não tenho mais, assim que procura me escrever logo, porque com escrever e escrever se passa a vida, pois tens que procurar que me ponhas bem o endereço, pois eu te mando as cartas em russo e se queres em espanhol, pois eu escrevo demasiado, assim que olha, porque o dia em que me dê por escrever já não escrevo mais, assim que faças o que queiras. Neste país se está muito bem, em todas as partes do país.

À mãe tenho escrito bastantes cartas e não me responde, pois não pode estar assim. Se me escreves logo e me mandas fotos, se tu recebes minhas cartas e me mandas bem os endereços, te mando fotos, pois nos têm retratado aos três juntos e a mim sozinho, e tenho fotos. Veja se podes saber algo dos pais e me dizes como estão, se estão bem ou mal. Se queres papel, te mandarei. E assim se despedem seus irmãos Lucio Rueda, Consuelo Rueda, Luis Rueda. (SIERRA BLAS, 2009, p. 199).

Ainda que sejam escritas livres, sem a intromissão direta dos professores e pais, nessas cartas a escolarização se faz presente nos temas, mesmo se considerado o êxodo escolar durante a Guerra Civil. Aliás, a autora lembra que ela havia transformado a escola, constituindo-se em matéria a ser ensinada, chegando a ocupar o “coração do ensino”, dentro

de um esforço maior de “mobilização intelectual e moral da infância, alvo de alto grau de politização, levando os professores a uma ‘escolarização bélica’, na medida em que aos professores foi atribuída a função de explicar aos alunos as razões do conflito legitimando a postura de cada lado” (SIERRA BLAS, 2009, p. 51).

Trocas de cartas no contexto escolar

A escola é, sem sombra de dúvidas, um espaço de aprendizagem e exercício da escrita de si. Montino (2008) lembra que os registros de si feitos pelas crianças na escola, desde o final do século XIX e início do XX, resultam da discussão propostas por educadores – dentre os quais Maria Montessori¹⁴ – que colocaram em discussão a retórica da redação escolar, procurando colocar no centro dessa escrita a própria criança e seu mundo. O autor assinala que há uma diferença entre escrita livre e escrita autobiográfica. Ao ser instado a falar de sua escola primária, um menino de 13 anos, lembra ele, preferiu após as cinco primeiras linhas copiar do livro *Cuore*, o texto sobre o primeiro dia na escola, colocando em pauta a liberdade, condição para a escrita de si, reveladora da intimidade.

Esses escritos, apesar de ainda não estarem suficientemente disponíveis aos pesquisadores, como gostaríamos, permitem interpretar que está havendo um maior cuidado com a documentação produzida durante a infância. Alguns exemplos disso podem ser vistos no livro *Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)*, de Castillo e Sierra Blas (2008)¹⁵, na terceira parte da obra, dedicada aos estudos do universo escritural autobiográfico: cartas, diários e agendas. Fiquemos, no horizonte deste texto, com um dos capítulos voltados para as cartas.

Aleixo e Alves (2008), em *Epístolas infantis*:

¹⁴ O autor cita, também, Giuseppe Lombardo Radice, Giuseppe Faccaroli, Augusto Monti, Giuseppina Pizzigoni e Maria Boschetti Alberti, para quem, diz o autor: “Ao serem deixadas livres, as crianças adquirem grande facilidade na linguagem escrita, não encontram mais diferença entre a fala e a escrita. Assim as composições resultam simples, naturais e espontâneas, manifestam o caráter deles, as tendências deles” (ALBERTI, 1951 apud MONTINO, 2008, p. 126).

¹⁵ Outro livro publicado no Brasil, que aborda a escrita epistolar infantil, que pode ser citado é *Cartas de professor@s, cartas a professor@s. Escrita epistolar e educação* (PERES; ALVES, 2009).

fragmentos emergentes do cotidiano rural no tempo escolar (1955-1958), trabalharam com a correspondência de alunos de escolas rurais de Portugal, que foram produzidas no bojo do projeto de Intercâmbio Escolar. Iniciado na década de 1930, por iniciativa da Sociedade de Geografia de Lisboa, que estimulava a troca “epistolar entre escolas da metrópole, e destas, com as colônias e com os núcleos portugueses no estrangeiro” (ALEIXO; ALVES, 2008, p. 455), foi posteriormente chancelado pelo Ministério da Instrução Pública de Portugal, que reconhecia ser esta uma importante iniciativa, tendo sido objeto de normatização por meio de várias circulares que davam instruções ao professorado para que melhor se empenhassem nesta “inovadora atividade de comunicação escrita” (ALEIXO; ALVES, 2008, p. 455). O elevado número de adesões – 3.000 correspondentes em 1934 e 7.000 em 1935 – levou as autoras a observarem que as professoras reconheciam ser essa uma importante iniciativa, pois “reforçava as competências na produção de texto por parte dos alunos, pelos exercícios de escrita e de ortografia que desenvolviam, contribuindo igualmente para o seu aperfeiçoamento, fazendo emergir no discípulo um sentimento de dignidade ao transformar-se num comunicador competente e assíduo” (ALEIXO; ALVES, 2008, p. 455-456).

Fragmentos desses escritos, que abrangeram quase 650 mil correspondentes, foram trabalhados pelas autoras, que identificaram um maior número de correspondentes do sexo masculino entre os alunos da Escola Primária da Freguesia de Cheleiros, classificados por elas em dois conjuntos, nos quais se sobressaíam, dentre outros aspectos: a) ensaio final manuscrito, em folhas soltas de papel de carta, com a participação exclusiva dos alunos; b) ensaio avulso, em folhas soltas de papel de carta, em que se verifica a participação exclusiva do professor; c) ensaios em caderno escolar, com a participação exclusiva dos alunos e; d) ensaios em caderno escolar, com a participação exclusiva do professor; o que as levou a concluir que havia uma supervisão bem grande dos professores sobre a atividade.

Examinando um conjunto de 20 cartas trocadas entre Leira e Casal dos Claros, Santarém e Cartaxo, Mafra e Malveira, e Angola, Bengala e Lobito, se detiveram na construção textual, constatando

que estas obedeciam às normas de comunicação escrita, tanto no que se refere à forma de iniciar uma missiva, quanto à projeção dos votos de saúde, bem-estar e felicidade ao coletivo escolar e na apresentação do interlocutor, assinatura do emissor, e na finalização. Tal construção textual, por sua vez, obedecia às normas de cortesia estabelecidas em guia escolar único, que parece ter servido de orientação para os professores e seus alunos, no qual se destacam, dentre as regras elementares da escrita de cartas, narrativa breve, frases curtas e objetivas, o que permitiu entrever que aprender a escrever cartas no mundo rural seria, no entendimento das autoras, uma das formas de conhecer as normas que deviam reger o espaço social, relacionarem-se com os outros e conhecer melhor a si mesmo (ALEIXO; ALVES, 2008, p. 476).

Trata-se, pois, de um estudo que exemplifica o quanto a aprendizagem da escrita de cartas esteve presente na sala de aula para inculcar códigos de civilidade, disciplinar o espírito. Longe de serem escritas livres, ditadas pela necessidade de encurtar distâncias, ao sabor de saudades, elas não só foram estimuladas por um programa de intercâmbio, como cumpriam o guia escolar, que, por sua vez, reproduzia, provavelmente, os manuais epistolares. Nos manuais escolares, por sua vez, como apontado por Sierra Blas (2003, p. 64), muitos foram os textos em forma de cartas, estruturados em torno de quatro finalidades básicas: “a iniciação na arte epistolar; a importância da leitura no âmbito educativo; a educação moral, religiosa e patriótica; e a competência de redação escrita”. Escrever cartas na escola, para a autora, atendia ao objetivo de “comunicar sentimentos, pensamentos, sensações e desejos”, contribuindo para “despertar as capacidades de escrita, expressão e compreensão, assim como o conhecimento que a criança teria de si mesma e de seu entorno” (SIERRA BLAS, 2003, p. 73).

Últimos apontamentos sobre os estudos de escrita de si na infância

Um olhar mais atento para esses três estudos de cartas que nos aproximam da pena infantil convida a pensar sobre algumas questões que se

colocam para os pesquisadores que têm interesse em trabalhar com a escrita de si, produzida por crianças. Dentre muitos outros aspectos, gostaria de assinalar:

1. O fato das cartas serem produzidas no espaço doméstico não significa que as crianças tenham uma total liberdade. A escrita infantil está sempre, de um modo mais forte ou mais tênue, submetida às normas, ao controle do adulto, sejam os pais ou professores, controle este que pode aparecer tanto sob a forma de incentivo quanto de correção¹⁶;
2. Trabalhar com cartas escritas por crianças, que como toda carta sempre aguça a curiosidade, despertando certo *voyerismo* até mesmo em investigadores mais experimentados, obriga estar atento aos suportes e utensílios da escrita, aos rituais epistolares, rasuras, borrões e marginálias, importantes pistas sobre a escolarização, o lugar social de quem escreve e o grau de intimidade entre remetentes e destinatários, por exemplo;
3. Assim como outros documentos, as cartas não falam sozinhas. As das crianças também não. Precisam de questões que ajudem a significar quem escreveu, quando escreveu, por que escreveu, para quem escreveu, como escreveu, o que escreveu. Isto é, trabalhar com a produção escrita, em particular a escrita de si, exige pensar no sujeito que escreve, nos contextos, nas motivações, nos destinatários, nas finalidades, nos modos e nos conteúdos da escrita;
4. Assim como nas análises de autobiografias, cartas, diários e agendas, as cartas escritas por crianças exigem do pesquisador que dialogue com as fontes, fazendo cruzamentos com outros documentos que ajudem a atribuir sentidos ao escrito, contextualizar, interrogar e interpretar;
5. Como os adultos, as crianças também selecionam, elegem, omitem, enfeitam a

¹⁶ Becchi (1995) considera que a escrita infantil realizada no espaço doméstico é um material frágil e passageiro, mais livre do que a escrita escolar, onde são estimuladas apenas algumas modalidades de escrita previamente solicitadas, e assinala que, por mais livre que seja esta escrita, ela traz as marcas ainda que invisíveis do adulto que demanda, incentiva, aplaude e oferece modelos.

própria vida. Suas cartas são apenas fragmentos de seus modos de ver o mundo. Não escrevem sobre tudo o que viveram, não vivem tudo o que escreveram. Suas mal traçadas linhas exigem atenção aos ditos e não ditos, porque, como os adultos, são igualmente vítimas da própria imaginação e da autocensura.

Por fim, diante de três estudos que se valem de cartas sob a guarda de instituições públicas, cabe questionar a respeito de como, no nosso país, faremos pesquisas sobre as escritas das crianças, se não temos uma preocupação em preservar tais produções. Há pela frente um grande desafio: sensibilizar a população para guardar essas escritas pela

importância que desempenham nos estudos da infância. Também é necessário que não permaneçam cumprindo apenas a função de edificar a memória familiar, como afirmam Dauphin e Poublain (2002). Trata-se, pois, de contribuir para subverter a lógica que orienta a guarda dos documentos produzidos pela pena infantil no espaço doméstico que os mantêm em difícil acesso. Como os escritos de mulheres antes esquecidos em baús, perdidos em sótãos, eles precisam chegar à vitrine. Temos, sobretudo, o desafio de convencer o poder público sobre a imperiosa necessidade de estabelecer uma política de preservação das escritas infantis, em especial as das escolas. Este, no entanto, promete ser um longo exercício de paciência.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Jaqueline Vieira. **Mulheres educadas para governar**: o cotidiano das lições nas cartas das princesas Isabel e Leopoldina. 2012. 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, RJ, 2012.
- ALEIXO, Maria Isabel Pereira; ALVES, Maria do Céu. Epístolas infantis: fragmentos emergentes do cotidiano rural no tempo escolar (1955-1958). In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Dir.); SIERRA BLÁS, Verónica (Ed.). **Mis primeros pasos**: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX). Gijón: Ediciones Trea, 2008. p. 455-476.
- ANTONELLI, Quinto; BECCHI, Egle (a cura di). **Scritture bambine**. Testi infantili tra passato e presente. Roma: Laterza, 1993.
- ARIAS CARRASCOSA, Miguel Angel; GARNACHO GÓMEZ, Ignacio. Los cuadernos escolares. In: SIERRA BLAS, Verónica; MARTINEZ, Laura; MONTEAGUDO, José Ignacio (Org.). **Esos papeles tan llenos de vida...** Materiales para el estudio y edición de documentos personales. Girona: CCG Ediciones, 2009.
- BECCHI, Egle. Una bambina scrive delle sciocchezze: i cahiers de betizes di Maria Bonaparte. In: ANTONELLI, Quinto; BECCHI, Egle (a cura di). **Scritture bambine**. Testi infantili tra passato e presente. Roma: Laterza, 1995. p. 97-121.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Dir.); SIERRA BLÁS, Verónica (Ed.). **Mis primeros pasos**: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX). Gijón: Ediciones Trea, 2008.
- DAUPHIN, Cécile; POUBLAIN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo, RS: EDUPF, 2002. p. 75-87.
- JULIA, Dominique. Documenti della scrittura infantile in Francia. In: ANTONELLI, Quinto; BECCHI, Egle (a cura di). **Scritture bambine**. Testi infantili tra passato e presente. Roma: Laterza, 1993. p. 5-24.
- LACERDA, Lilian. Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Unesp, 2003.
- MACIEL, Francisca Isabel. Cartas pedagógicas: fragmentos de um discurso. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo, RS: UPF, 2002. p. 205-216.
- MEDA, Juri; MONTINO, Davide; SANI, Roberto (Org.). **School exercise books**: a complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19th and 20th centuries. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MONTINO, Davide. As crianças e a escrita de si: ocasiões, limites e ambiguidades da autobiografia infantil na contemporaneidade. In: PASSEGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal, RN: EdUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 113-130.

NEVES, Margarida de Souza. Paisagens secretas; memórias da infância. In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cecília Meireles**: a poética da educação. Rio de Janeiro: Editora PUC/Loyola, 2001. p. 23-40.

PERES, Eliane; ALVES, António Mauricio Medeiros (Org.). **Cartas de professor@s, cartas a professor@s**. Escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes, 2009.

SIERRA BLAS, Verónica; MARTÍNEZ MARTÍN, Laura; MONTEAGUDO, José Ignacio (Ed.). **Esos papeles tan llenos de vida...** Materiales para el estudio y edición de documentos personales. Girona: CGC Edicions, 2009.

SIERRA BLAS, Verónica. **Palabras huérfanas**: los niños y la Guerra Civil. Madrid: Taurus, 2009.

_____. **Aprender a escribir cartas**: los manuales epistolares em la España contemporánea (1927-1945). Gijón: Ediciones Trea, 2003.

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine** – memórias de mulheres. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

VIÑAO, Antonio. Las autobiografías, memórias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. In: **Teias** – Revista da Faculdade de Educação da UERJ, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 82-97, 2000.

_____. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 15-34.

_____. La memoria escolar: restos y huellas, recuerdos y olvidos. In: **Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche**, Brescia, n. 12, p. 19-34, 2005.

Recebido em 28.06.2013

Aprovado em 13.08.2013